

GUILHERMINA SUGGIA

*faleceu, a noite pas-
sada, no Porto*

PORTO, 30. — Proximo da meia-noite faleceu na sua residencia, rua da Alegria, n.º 556, a grande artista Guilhermina Suggia. O funeral realizar-se-á terça-feira, a hora ainda por determinar.

Morreu Guilhermina Suggia.

Morreu — sabem-no bem e concordam conosco, certamente, os grandes apreciadores de musica, e assim, e com verdade, a classificamos — a maior violoncelista dos nossos tempos.

Ficam, portanto, de luto pesado, pela sua morte — ocorrida, perto da meia-noite, em sua casa, para onde fora, há dias gravissimamente doente — os musicos portugueses. Portugal, diga-se mesmo, porque Suggia, nascida e criada no Porto, ainda que de todo o Mundo, como todos os grandes artistas — cidadãos do Mundo — era genuinamente portuguesa, por sentimento e temperamento, e muito honrou, sempre, durante a sua vida, seus êxitos, suas glórias, Portugal.

A noticia abrupta da sua morte, chegada a desoras á Redacção deste jornal, impedem-nos, por falta de tempo, de compulsar quantos elementos nos poderiam dar notas da sua biografia brilhantíssima.

A nosso recurso vêm, no entanto, alguns,



Guilhermina Suggia

colhidos ao acaso, entre os muitos «dossiers» da nossa biblioteca de consulta, e mais, e melhor, os que, por muito conhecidos, guardam a nossa memória.

Foi ela filha dum mestre de violoncelo e violoncelista primoroso também, Augusto Suggia, que do Conservatorio de Lisboa passou ao do Porto e ali fixou residencia. Ali nasceu Guilhermina e ali aprendeu com seu pai a tecnica do instrumento em que devia, mais tarde, vir a ser prodigiosa e famosa — genial — como os mais celebres violoncelistas de todos os tempos. E no Porto, ainda precoce talento musical, aos sete anos, «menina prodigio», se revelou assombrosa já, pela primeira vez que tocou em publico, no então aristocratico, muito distinto, Clube de Matosinhos. Depois são os seus triunfos repetidos, no Quarteto de Musica de Camara do Orfeão Portuense, menina e moça, e os concertos sucessivos que dá, aplaudidissimos, com sua irmã Virginia, pianista notavel também, mais tarde Mme Léon Tichon. E' a sua entrada no Paço Real, em Lisboa, onde o rei D. Carlos, a rainha D. Amélia, a rainha viuva D. Maria Pia e os principes, e todos os grandes de Portugal, a aplaudem e a consagram, num concerto memoravel, como grande também de Portugal, entre os maiores artistas da época.

E são, depois, com 17 anos, os seus estudos no Conservatorio de Leipzig, onde tem como seu mestre e amigo, Klengel. E onde Nickisch — o enorme Nickisch — meses passados, ao ouvi-la no «Gewandehaus», consente que ela repita, a pedido do publico entusiasmado (o que nunca se havia feito, a ninguem, nesse «auditorium») o concerto de Volkmann, que havia maravilhosamente executado.

E depois, são todos os paises da Terra que percorre, entre ovações, e em que se iguala ao maior de todos os violoncelistas do tempo, o celebre Pablo Casals. São as cortes que a recebem como uma princesa — desde a estranha, do Czar das Russias, á puritana, da Inglaterra. E' sobretudo, a Inglaterra que ela cativa e onde, para todo o resto da vida, fica tendo os seus mais dilectos admiradores — a artista preferida de Eduardo VII, amiga de Balfour e de Austen Chamberlain, que «não gostava de musica», a não ser a tocada por Guilhermina Suggia; amiga da duquesa de York, hoje Rainha da Grã-Bretanha, que sempre a requeria para os seus concertos de beneficencia e, mal chegava a Londres, lhe mandava sempre um precioso ramo de orquideas. Essa Inglaterra, «onde nunca esteve em hotéis», porque de par em par se lhe abriam as portas dos palacios — disputando-lhe o convivio — das mais nobres, das mais fechadas, familias da aristocracia britânica.

Mil paginas de ouro da sua vida as poderiamos escrever, se tempo houvessemos. Algumas, até, por mais curiosas, a contar episodios com ela passados e anedotas cheias de graça. Ou a dizer de seus gostos, da sua casa, do seu conhecido amor pelos cães de raça — os «scottish-terrier», de preferencia — ou da sua valiosa coleção de tapetes orientais. Ou até, ainda que tal não pareça, em artista de tão fina qualidade, as suas devoções desportivas, pelo «tennis», pela natação e pelo remo.

Mas o caso — e tristissimo — é que morreu Guilhermina Suggia, altissimo espirito de mulher, extraordinaria artista, assinalada portuguesa em todo o Mundo musical, onde foi estrela de primeira grandeza.

Dizem, sobre estrelas, os astronomicos que, se alguma delas, por morte desaparecesse do Ceu, em muitos, muitos, muitos anos, receberiamos ainda todo o fulgor da sua Luz e do seu Encanto.

Guilhermina Suggia, como tal, continuará brilhando na claridade do seu prestigio admiravel, na saudade de todos os que — inovidavelmente — a ouviram e aplaudiram. Pertence desde hoje, áquela falange de eleição, dos mortos... que não morrem.